



IV Congresso Português de Sociologia
Passados Recentes: Futuros Próximos
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
17 a 19 de Abril de 2000

Discurso do Senhor Presidente da Associação Portuguesa de Sociologia, Carlos Fortuna

Sua Excelência, Senhor Presidente da República
Excelentíssimo Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior
Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra
Prezado Senhor Presidente da Associação Internacional de Sociologia
Excelentíssimas Senhoras e Excelentíssimos Senhores Convidados
Estimadas e Estimados Colegas

É uma honra e um privilégio enorme dar-vos as Boas-Vindas ao IV Congresso Português de Sociologia.

Um Congresso, qualquer que ele seja, é uma ocasião singular para reflectirmos em conjunto. Reflectirmos sobre aquilo que fomos, e não fomos, capazes de fazer e sobre aquilo que desejamos terminar ou encetar de novo. Por isso, num Congresso cruzam-se sempre avaliações sobre trajectos já percorridos com diagnósticos futurantes.

Este IV Congresso Português de Sociologia, comprometido com a análise da Sociedade Portuguesa, os seus Passados Recentes e os seus Futuros Próximos, é, por isso mesmo, uma ocasião particularmente estimulante. Desde logo porque os Passados Recentes da Sociedade Portuguesa não têm data fixa, nem os seus Futuros Próximos têm destinatário preciso. Os passados são circunstâncias, experiências, discursos, testemunhos e memórias que condicionam e se reflectem no nosso presente. Os futuros, próximos ou longínquos, são fantasias, aventuras, intenções e projectos que nos envolvem de modo intenso e permanente.

A marca indelével da história e do passado sobre o presente da sociedade portuguesa parece diminuir a sua nobreza e retirar-lhe autonomia. É como se o nosso presente tivesse sido hipotecado e não nos restasse mais do que preencher e dar sentido à incompletude do passado. De modo semelhante, o futuro é arrebatador — contém a promessa das mais fantásticas realizações — e, perante ele, conhecedores dos nossos limites, chegamos muitas vezes a suspeitar que não estejamos a ser os seus melhores construtores.

Perigosas suspeitas estas, que instigam a inacção e alimentam o sentimento pessimista de que o futuro não pode começar!...

A questão que devemos enunciar é a de como podemos resgatar, dar sentido e conferir autonomia à nossa acção do presente. Não vivemos..., aliás, nunca ninguém viveu um presente banal. Vivemos, isso sim, um presente que tem que ser compreendido nas suas, que são nossas, acções e omissões, nos seus sentidos e faltas de sentido, sem que desdenhemos a herança nem receemos o projecto.

Este IV Congresso Português de Sociologia, no qual nos propomos analisar a Sociedade Portuguesa entre os seus Passados e os seus Futuros, é um Congresso comprometido com esta dilucidação do nosso presente.

É com este conjunto de virtudes e de constrangimentos que nos voltamos a congregar durante três dias. O nosso objecto principal de debate — a sociedade portuguesa — é, como todos sabemos, um riquíssimo e intrigante laboratório sociológico. Trata-se de uma sociedade, a um tempo desenvolvida, moderna e pobre; democrática e pacífica, autoritária e ténis; culta e esclarecida, mas também inculta e analfabeta; tão aventureira como tradicionalista; tão globalmente generosa e solidária como pontualmente individualista e egoísta...

De tudo isto nos falam as mais de 300 comunicações que discutiremos nos Grupos de Trabalho, nos Painéis Temáticos e nas Sessões Plenárias deste Congresso. Tanto quanto é possível adiantar, em todas elas se percebe o efeito condicionante do passado sobre a estruturação, modos de funcionamento e de ordenamento social da sociedade portuguesa de hoje. Mas em todas elas se detectam também enormes potenciais de melhoria, de reforço da equidade, de alargamento de direitos e oportunidades. Por isso, retira-se do conjunto das comunicações uma aguda consciência sociológica das causas e dos efeitos socioculturais potenciais de uma grande variedade de processos, práticas e mentalidades que definem a sociedade portuguesa de hoje.

Estamos a urbanizar a cultura, a mediatizar a educação, a banalizar ou a delapidar o espaço público e a perverter ao máximo o espaço privado. Estamos a institucionalizar o desvio e, a partir dos centros de poder material e simbólico, a penalizar a marginalidade social e a diferença cultural. Estamos a “tecnologizar” a linguagem, a informação e mesmo a comunicação. Tudo isto perante um Estado e uma sociedade que parecem olhar-se mutuamente com crescente distância ou mesmo desconfiança. E um sistema de ensino, de justiça, de saúde, laboral e, enfim, cultural de cujas inoperâncias ou ineficiências resultam interrogações sobre a qualidade da democracia que estamos a construir.

Que efeitos podemos perspectivar sobre os nossos futuros próximos? Ou, por outras palavras, com que recursos e capacidades irá a sociedade portuguesa responder aos desafios que a aguardam, muitos dos quais são, como sabemos, originários de processos complexos que nos ultrapassam, como a mundialização do mundo, mas que nem por isso podemos deixar de enfrentar?

Prezadas e Prezados colegas,

São enormes, como sabemos, os desafios que a Sociologia tem à sua frente, quando reflecte sobre a sociedade portuguesa contemporânea. Como todo o social, a sociedade portuguesa é, também ela, relapsa e transborda para além dos quadros teóricos mais inflexíveis. Requer que a reflexão que produzimos sobre ela, para ser rigorosa e pertinente, seja tão criativa teoricamente como criteriosa nos procedimentos.

Nos tempos em que vivemos, todavia, toda a reflexão é também auto-reflexão. Por isso, neste Congresso, ao mesmo tempo que debate a sociedade portuguesa, a Sociologia debate-se consigo própria. Saibamos, portanto, honrar o desafio da nossa dupla condição de analistas e de actores sociais. O desafio que temos pela nossa frente, enquanto sociólogos, é tanto científico como cívico, é tanto de reflexão teórica como de acção prática.

É uma honra e um privilégio presidir a este Congresso. Mas, ainda que de forma breve e pessoal, permitam que deixe registado como é tem sido também uma

honra e um privilégio trabalhar, ao longo de mais de um ano, com todos e cada um dos meus colegas da Comissão Organizadora e do Secretariado. Fizemos, perdoem a imodéstia, uma equipa fantástica.

Não posso também deixar de agradecer a todos os membros do Conselho de Programa e aos Coordenadores dos Grupos de Trabalho e Painéis Temáticos, assim como aos intervenientes nas Sessões Plenárias e a todos os participantes, comunicantes ou não, pela prestimosa colaboração com o IV Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia.

Seria injusto se não assinalasse, nestas circunstâncias, a disponibilidade e o espírito de colaboração do nosso colega John Urry ao aceitar estar presente no Congresso, apesar dos seus múltiplos afazeres e obrigações. O mesmo se diga do nosso colega Alberto Martinelli que traz consigo o testemunho cúmplice da Associação Internacional de Sociologia.

Devo, por fim, uma palavra de enorme gratidão e apreço aos nossos patrocinadores e apoiantes.

Senhor Presidente da República,
Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior
Magnífico Reitor
Senhor Presidente da Associação Internacional de Sociologia
Senhoras e Senhores Convidados

À honra e ao privilégio que sinto ao dirigir-vos estas palavras, desejo, a terminar, juntar um testemunho. A vossa presença é para nós extremamente gratificante e vemos nela um sinal de reconhecimento pelo trabalho que a Sociologia portuguesa tem vindo a realizar. Ela é também um estímulo ímpar para que continuemos a ampliar, em quantidade e em qualidade, a actividade de investigação científica e de intervenção profissional e cívica dos sociólogos portugueses.

Agradeço-vos, portanto, pela vossa presença e pelo vosso estímulo. O desafio do futuro próximo à nossa frente é tanto nosso como vosso. É o de percebermos de onde vem, de que é e como é feita, e para onde vai a nossa contemporaneidade de portugueses. É um desafio monumental, pois que está continuamente a ser feito e refeito, escrito e reescrito por mais de vinte milhões de mãos. Temos de o saber decifrar! Lucidamente...

**Discurso do Senhor Presidente da Associação Portuguesa de Sociologia,
Carlos Fortuna**

Sua Excelência, Senhor Presidente da República
Excelentíssimo Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior
Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra
Prezado Senhor Presidente da Associação Internacional de Sociologia
Excelentíssimas Senhoras e Excelentíssimos Senhores Convidados
Estimadas e Estimados Colegas

É uma honra e um privilégio enorme dar-vos as Boas-Vindas ao IV Congresso Português de Sociologia.

Um Congresso, qualquer que ele seja, é uma ocasião singular para reflectirmos em conjunto. Reflectirmos sobre aquilo que fomos, e não fomos, capazes de fazer e sobre aquilo que desejamos terminar ou encetar de novo. Por isso, num Congresso cruzam-se sempre avaliações sobre trajectos já percorridos com diagnósticos futurantes.

Este IV Congresso Português de Sociologia, comprometido com a análise da Sociedade Portuguesa, os seus Passados Recentes e os seus Futuros Próximos, é, por isso mesmo, uma ocasião particularmente estimulante. Desde logo porque os Passados Recentes da Sociedade Portuguesa não têm data fixa, nem os seus Futuros Próximos têm destinatário preciso. Os passados são circunstâncias, experiências, discursos, testemunhos e memórias que condicionam e se reflectem no nosso presente. Os futuros, próximos ou longínquos, são fantasias, aventuras, intenções e projectos que nos envolvem de modo intenso e permanente.

A marca indelével da história e do passado sobre o presente da sociedade portuguesa parece diminuir a sua nobreza e retirar-lhe autonomia. É como se o nosso presente tivesse sido hipotecado e não nos restasse mais do que preencher e dar sentido à incompletude do passado. De modo semelhante, o futuro é arrebatador — contém a promessa das mais fantásticas realizações — e, perante ele, conhecedores dos nossos limites, chegamos muitas vezes a suspeitar que não estejamos a ser os seus melhores construtores.

Perigosas suspeitas estas, que instigam a inacção e alimentam o sentimento pessimista de que o futuro não pode começar!...

A questão que devemos enunciar é a de como podemos resgatar, dar sentido e conferir autonomia à nossa acção do presente. Não vivemos..., aliás, nunca ninguém viveu um presente banal. Vivemos, isso sim, um presente que tem que ser compreendido nas suas, que são nossas, acções e omissões, nos seus sentidos e faltas de sentido, sem que desdenhemos a herança nem receemos o projecto.

Este IV Congresso Português de Sociologia, no qual nos propomos analisar a Sociedade Portuguesa entre os seus Passados e os seus Futuros, é um Congresso comprometido com esta dilucidação do nosso presente.